



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

O QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA DE JESUS: O PROTAGONISMO DA  
LITERATURA NEGRA NA VIVÊNCIA FEMININA E FAVELADA

Márcia Helena da Matta

Rio de Janeiro

2020

MÁRCIA HELENA DA MATTA

O QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA DE JESUS: O PROTAGONISMO DA  
LITERATURA NEGRA NA VIVÊNCIA FEMININA E FAVELADA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção de título de  
Licenciada em Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Orientador: Profº Drº Godofredo de Oliveira Neto

Rio de Janeiro

2020

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

MÁRCIA HELENA DA MATTA

DRE:114159773

### O QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA DE JESUS: O PROTAGONISMO DA LITERATURA NEGRA NA VIVÊNCIA FEMININA E FAVELADA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção de título de  
Licenciada em Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Data da avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_

NOTA: \_\_\_\_\_

Profº. Drº. Godofredo de Oliveira Neto

Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_

NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinatura dos Avaliadores:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me abençoado com saúde, força e perseverança para que eu pudesse concluir esse sonho. Sem Ele eu jamais teria conseguido.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Godofredo de Oliveira Neto por me orientar nesta caminhada e na construção desta pesquisa, sempre muito solícito ao me auxiliar na busca pelo conhecimento, pela paciência, compreensão e dedicação que sempre teve comigo, sempre me dando força para que esse trabalho fosse concretizado.

À minha filha e ao meu esposo por terem me apoiado nessa jornada acadêmica. Sem o apoio deles, ao longo de todos esses anos, tudo seria mais difícil. Agradeço por estarem comigo dando suporte, mesmo quando pensei em desistir, quando acreditei que não seria possível, ou quando achei que eu não seria capaz. Minha filha, em especial, me incentivou em todos os meus momentos de angústia e insegurança, comemorando comigo cada conquista. Sem ela sequer teria entrado para a graduação.

Aos amigos que ganhei no curso de Letras, ao longo dos anos. Eles foram fundamentais durante minha caminhada, não somente para minha formação acadêmica, mas também, como uma cidadã que acredita na educação, e que por meio dela conseguiremos alcançar o progresso do país.

Aos professores que me acompanharam nessa jornada e contribuíram para agregar ainda mais meu saber.

À UFRJ por todos os ensinamentos e provas que passei aqui, pois estar em uma grande universidade como essa vai muito além do caráter científico, é uma sensação de vitória indescritível. É para mim um orgulho muito grande fazer parte do corpo discente dessa grande comunidade acadêmica. Aqui aprendi que sem esforço não há vitória.

## RESUMO

O protagonismo da mulher negra torna-se cada vez mais necessário na sociedade brasileira e a literatura possibilita ao leitor construir, interpretar e ressignificar olhares da identidade feminina. O Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus ressignifica sua trajetória enquanto mulher negra e resistente, através de uma narrativa de encontros com a necessidade, o real e os contrapontos sociais que a personagem protagonizou por si. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender dentro da literatura de Carolina de Jesus em O Quarto de Despejo a importância da construção da identidade, do reconhecimento social e da relação entre necessidade e oportunidade. A importância de se tratar a temática está relacionada com a necessidade emergente, observada através das práticas docentes, da inserção de literaturas negras femininas no cotidiano do aluno para a sua formação social, étnica e da identidade. Diante de um estudo voltado para uma metodologia de análise bibliográfica do livro de Carolina Maria de Jesus “O Quarto de despejo: diário de uma favelada” e de obras complementares que fomentavam a relação da narrativa da autora, foi possível interpretar o protagonismo de Carolina Maria de Jesus enquanto mulher negra, pobre e favelada diante de suas vivências. Com o auxílio do referencial teórico-metodológico e da biografia de PINANGÉ (2020), LEÃO (2020), RODRIGUES & SANTOS (2019), VALENTE & PONTES (2014), ANDRADE (2011;2008) e JESUS (2005;1960), pode-se contatar a importância e o protagonismo vivido por Carolina de Jesus em sua narrativa social como mulher negra e favelada, evidenciando seus diferentes conflitos e paradoxos vividos dentro da temática trabalhada aqui.

**Palavras-chave:** O Quarto de Despejo. Carolina de Jesus. Literatura. Protagonismo.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>07</b> |
| <b>1. O QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS.....</b>                                 | <b>09</b> |
| 1.1. Histórias de uma mulher negra e favelada.....                                    | 09        |
| 1.2. Projetos literários e a construção da literatura negra e feminina na escola..... | 11        |
| <b>2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA NEGRA E FEMININA.....</b>        | <b>14</b> |
| 2.1. O Quarto de Despejo: diário de uma favelada.....                                 | 14        |
| 2.2. Carolina de Jesus como protagonista de si.....                                   | 17        |
| <b>3. A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA DA LITERATURA.....</b>                         | <b>20</b> |
| <b>4. CONCLUSÃO.....</b>  | <b>22</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>23</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma reflexão acerca da autora negra Carolina Maria de Jesus dentro de sua abordagem de conexões em “O Quarto de despejo: o diário de uma favelada”, revelando sua vida, obra, caminhada e condição de superação entre a realidade social e pobreza na favela. Neste sentido, trabalhar literaturas de mulheres negras dentro da escola torna-se cada vez mais necessárias no cenário atual, visto que, a necessidade do empoderamento feminino, o combate ao racismo e a colocação da mulher no mercado ainda são considerados tabus sociais.

Sabemos que as produções de literaturas de autores denominadamente brancos ainda são um fator comum dentro do contexto da literatura escolar, mas a necessidade de reconhecimento e da construção da identidade social pelos alunos são atos intimamente ligados ao desenvolvimento social. Deste modo, a abordagem de uma literatura negra e feminina possibilita mostrar a realidade vivida de Carolina de Jesus em uma determinada época, em que a desigualdade social apresentava-se em altos níveis.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender dentro da literatura de Carolina de Jesus em O Quarto de Despejo a importância da construção da identidade, do reconhecimento social e da relação entre necessidade e oportunidade e, de forma específica, identificar fatores literários que fomentem a personalidade de Carolina de Jesus e sua condição como protagonista de si só, e ressaltar a importância de literaturas escritas por mulheres negras e faveladas na formação cultural e social dos indivíduos.

A partir das minhas práticas pedagógicas como professora em diferentes escolas, percebi a necessidade de abordar tal temática, vislumbrando a literatura negra na construção da identidade negra, social e cultural dos indivíduos. É comum vermos dentro do ambiente escolar a abordagem de literaturas diversas, mas as construídas por mulheres ainda são escassas, que são as de autoras negras.

Acredita-se que, mesmo com a existência de leis e projetos literários na área de Língua Portuguesa que tratam da literatura negra na escola, ainda são escassos os recursos para levar tais obras a diferentes espaços. Desta forma, a escola deve possibilitar que os alunos tenham acesso a uma ampla escolha de literaturas que acompanhem o seu desenvolvimento no ensino e aprendizagem.

Contudo, esta pesquisa trata-se de uma análise bibliográfica, qualitativa a fim de realizar um estudo de caso diante da literatura de Carolina de Jesus em “O Quarto de despejo:

o diário de uma favelada”, ressaltando as condições da mulher negra nos anos 60, as relações de poder, política, identidade cultural, social e étnica de uma mulher resistente. Para isso, além da literatura estudada, outros autores compuseram a construção da temática mediante diferentes olhares sobre a obra de Carolina de Jesus.

No primeiro capítulo será abordado o contexto da identidade e vida cronológica de Carolina Maria de Jesus, ressaltando sua trajetória como mulher negra, sofrida e que vivia sobre a ótica de uma realidade diferente ao exercer suas atividades laborais, além de fomentar a importância de projetos escolares que visem trabalhar a literatura negra para a construção da identidade dos alunos.

No segundo capítulo, segue uma abordagem sobre a construção da identidade mediante a obra de Carolina de Jesus, evidenciando trechos do livro e fazendo contraposições acerca desta construção cultural, social, política e de resistência da mulher negra na sociedade brasileira, de modo que, as contribuições e ações diárias vividas por Carolina de Jesus nos mostre a realidade social das favelas como protagonista de si.

No terceiro e último capítulo trata-se do protagonismo da mulher negra dentro da sociedade brasileira, fazendo um contraponto acerca das dificuldades de inserção de literaturas negras e afro-brasileiras no currículo escolar. E, por fim, são feitas as conclusões que relatam as observações feitas através da pesquisa.



## 1. O QUARTO DE DESPEJO: CAROLINA DE JESUS

O livro *O Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus traz em loco o contexto social vivido por uma mulher que vivia em uma periferia em São Paulo nos anos de 1960. A literatura contada diante do livro esclarece, como forma de um diário, os momentos vividos por Carolina de Jesus em seu dia a dia, relatando sua necessidade, suas virtudes e traços característicos de uma mulher negra, feminista e pobre.

Segundo Coronel, o contexto literário trazido dentro da obra de Carolina de Jesus refletia muito seus dias e suas condições de vida social:

Carolina apresenta-se em suas anotações como uma pessoa cujas necessidades são muito diversificadas. Não há o que servir à mesa, nem sapatos para os meninos irem à escola, nem sabão para o banho, mas ela reivindica o direito de sonhar, de transportar-se para além de sua terrível circunstância concreta de vida. No mesmo sentido, relata que canta e dança com os filhos em busca da alegria possível. Também há menções aos dramas (novelas) que aprecia acompanhar pelo rádio, assim como os tangos. Ainda que se contraponha veementemente às batucadas dos vizinhos, não sendo festeira e nem apreciadora de álcool, ela declara com contentamento que foi dançar no Carnaval, com sua fantasia de penas (CORONEL, 2014, p. 274).

As condições de vida relatadas ao longo de suas anotações demonstram o quão sofrida era a vida de Carolina de Jesus em meio aos anseios sociais de sua época. Época marcada pela fome, pela desigualdade social e pelo estigma do direito de ir e vir do cidadão em meio ao caos social e político que dividia as pessoas naquela época.

O pacto autobiográfico se concretiza, então, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita: como no livro *Quarto de despejo*, em que o nome exposto na capa, Carolina Maria de Jesus (equivalente a uma assinatura autoral) é igual ao nome do narrador e da personagem principal, acrescida da indicação no subtítulo de que se trata de um diário, um tipo de texto autobiográfico (ANDRADE, 2011, p. 108).

Em meio a tantas problemáticas, as reflexões e anotações trazidas por Carolina de Jesus fundamentam-se na construção da literatura negra a fim de salientar a importância da luta da mulher negra, além de evidenciar a necessidade e a busca pela igualdade de direitos sociais, das diferenças de classes, cor, credos e etnias que tanto permeavam aquela época e que insistem em assolar a sociedade até os dias atuais.

### 1.1. A história de uma mulher negra e favelada

Segundo Ribeiro (2016), Carolina Maria de Jesus foi uma escritora e poeta, além de ser uma mulher negra e pobre, que escreveu em suas literaturas traços do cotidiano e do enfrentamento difícil da realidade nas favelas. A autora é considerada como símbolo da

emancipação feminina e negra, além da luta contra o racismo que foi e é prejudicial ao desenvolvimento social brasileiro.

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914 na cidade de Sacramento em Minas Gerais, sendo filha de uma família de negros e analfabetos. Era filha da relação extraconjugal de seu pai que era casado, e que, desde muito cedo, sofreu preconceito e rechassamento social, fazendo que tivesse e desenvolvesse uma postura mais agressiva mediante a sociedade.

Vivendo em uma casa muito humilde com seus seis irmãos e sua mãe, Carolina de Jesus desde muito nova começou a trabalhar para ajudar no sustento de sua família. Mas, ao longo de sua caminhada, teve a oportunidade de estudar por dois anos no Colégio Allan Kardec mediante a ajuda da patroa de sua mãe e, sendo essa, toda a sua escolarização formal para a vida.

Com a morte de sua mãe em 1937, Carolina de Jesus, viu-se obrigada a ir em busca de condições melhores de vida, quando resolveu ir para São Paulo. Diante dessas diferentes necessidades, Carolina de Jesus, ao chegar a São Paulo, se vê sob uma nova ótica, mas que contempla os problemas anteriormente vividos em sua terra natal como a fome, a necessidade, a diferença de classe social e as diferenças culturais, mas que mesmo assim não a traziam conforto.

Trata-se de uma figura que parece não se conformar com a situação precária em que se encontra e, como forma de lutar para safar-se de tal situação, passa a fazer uso da palavra, ainda que conte apenas com dois anos de educação primária. Uma vez mais se aproximando das personagens ficcionais anteriormente citadas, parece ter sido a capacidade de buscar pelo conhecimento sem o auxílio sistematizado da escola que lhe possibilitou tal utilização da escrita (SANTOS & SOUZA, 2015, p. 314).

E como Santos e Souza fomentam:

Ao escrever, em seus cadernos, aquilo que mais tarde seria selecionado e publicado sob o nome de Quarto de despejo: diário de uma favelada, Carolina conquistou espaço em inúmeras discussões. À primeira vista, o que se evidencia é a maneira como a obra atua no sentido de denunciar a situação precária, desumana, à qual está exposta uma grande parcela da população, que vive em favelas, às margens da sociedade. Seus escritos são, inquestionavelmente, de relevância neste sentido, pois retrata a voz do marginalizado falando de sua própria história, registrada segundo a sua perspectiva (SANTOS & SOUZA, 2015, p. 314).

O testemunho de Carolina Maria de Jesus (1961), a primeira catadora da favela do Canindé, em São Paulo, representa uma inigualável oportunidade de entrar, pela própria mão da autora, tanto no conhecimento do mundo incerto e complexo de populações marginais e a maneira como têm sido visto e construído no âmbito político que diz respeito ao gênero, a

ocupação que exerce de sua condição de favelada, e a escrita de seu diário pode chegar ter uma relação de impacto social reflexiva.

Assim, este depoimento, uma vez que ilustra a experiência de vida nas favelas do Brasil e por meio dele, ainda que não de forma representativa, de tantas outras populações ditas marginais, não permitiria apenas uma leitura contrastada em relação às semelhanças e diferenças de classe no que diz respeito à participação política das mulheres, mas voltada ao vencimento de barreiras e necessidades sociais que se encontram em constante processo nesses espaços. Essa relação:

É paradoxal, tem consciência social, mas ao tratar com seus vizinhos favelados, aparta-se, sente-se diferente, superior, define-se como cidadã intelectual (...) ironicamente, tem que trabalhar catando papel no lixo – o mesmo papel que usa para escrever; é negra, exalta a beleza negra, mas, simultaneamente, não quer ter relações amorosas com negros, considera-os vítimas de um contexto histórico cruel e atribui a cor preta às várias mazelas sociais. Carolina condena a violência e se intromete nas brigas comportando-se, às vezes, com violência e ameaças (...) (ANDRADE, 2008, p. 86).

Carolina de Jesus vivia e sustentava-se mediante suas atividades como catadora, o que mostra o quanto é paradoxo seus desejos e sua rotina frente a uma sociedade meramente contrariada e adoecida pela desigualdade social. Desde modo:

(...) as forças político-econômicas e sociais que regem na sociedade dividem Carolina de Jesus em incluídos e excluídos, implicando uma diferença estabelecida e estandardizada entre homens/mulheres, ricos/pobres, cultos/incultos, negros/brancos. (ANDRADE, 2008, p. 87).

Os diferentes contrapontos enaltecidos em o Quarto de Despejo possibilitam compreender a conjuntura da literatura escrita por uma mulher, singularmente leiga, que teve um processo educativo rápido, sob suas visões e percepções da convivência em espaços de resistência como as favelas brasileiras, de modo que, a construção de seu diário traga como foco a percepção e a relação de entrave entre a necessidade, o sonho e a força feminina.

## 1.2. Projetos literários e a construção da literatura negra e feminina na escola

Para Batista (2008, p. 212) etimologicamente, “a palavra projeto deriva do latim *projectus*, particípio passado de *projicere*, algo como um jato lançado para frente, designando igualmente tanto aquilo que é proposto realizar-se quanto o que será feito para atingir tal meta”, ou seja, é uma construção que prevê ações futuras de conhecimento.

Um projeto apresenta duas características fundamentais: antecipação do futuro e flexibilidade (não-determinação). A primeira indica que um projeto distingue-se de uma previsão ou de uma utopia, que não dizem respeito a um futuro a realizar. A segunda característica é a abertura para o novo, para o universo das possibilidades. Partindo da hipótese de que o trabalho com

projetos se coloca como uma possibilidade para a implementação de práticas educativas interdisciplinares, buscamos, inicialmente, construir um esclarecimento em relação às suas características fundamentais e seus procedimentos metodológicos (BATISTA, 2008, p. 212-213).

A necessidade de se trabalhar com projetos dentro das escolas tem sido um crescente na área da educação. Para Bernar (2004) a inclusão de temáticas como a de literaturas negras devem ser inseridas no contexto escolar respeitando as diretrizes curriculares para a educação étnico-raciais:

(...) a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem produzir (BERNAR, 2004 p. 74).

Os projetos devem ser realizados durante todo o ano letivo, onde, evidenciando a literatura negra para a construção da identidade social, política e cultural dos alunos. Os projetos que tratam da literatura negra devem refletir sobre cultura, vestimentas, comportamentos, história da África e dos negros em sua chegada ao Brasil, assim como, a importância da mulher como ato de resistência.

Mas, mesmo com a disseminação de projetos relevantes de cultura afro-brasileira, ainda é perceptível que as pessoas vejam essa temática com discriminação. Candau (2003) traz uma reflexão sobre a questão que possa melhorar esse olhar discriminatório:

Estes processos estão profundamente internalizados na sociedade brasileira, expressam-se através da pluralidade de linguagens, no plano simbólico, e das práticas sociais, e encontram-se carregados muitas vezes de ambiguidades e sutilezas, revestindo-se de grande complexidade. Compreender como se dão estes processos é condição imprescindível para desvelá-los, na perspectiva da construção de uma cultura dos direitos humanos (CANDAU, 2003, p. 18).

Para vencer essas questões que ainda envolvem a discriminação da tratativa do tema, é necessário que a escola possibilite levar aos alunos diferentes conhecimentos. Trabalhar contextos da cultura afro-brasileira nas aulas, de forma comum ou interdisciplinar, possibilita que os alunos se reconheçam e percebam como construíram sua identidade.

Souza e Fernandes (2018) explicam que os professores exercem um papel muito importante na luta contra o preconceito e a discriminação racial na escola e, mesmo com o desafio diário que a escola impõe, esses profissionais buscam trabalhar as questões étnicas e de classe social em sala de aula para conscientizar seus alunos frente à africanidade.

Nesse sentido, Souza e Fernandes (2018) esclarecem que essa atividade reflexiva e a implementação de projetos de cultura afro-brasileira está onde:

A dificuldade encontra-se no processo de inserção do conteúdo da diversidade nas variadas disciplinas sob a responsabilidade do (a) professor

(a) das séries iniciais do ensino fundamental. O trabalho com projetos e a contemplação de datas comemorativas ameniza o fardo da escola em relação a obrigatoriedade da legislação. Essa prática já era empregada mesmo antes da lei entrar em vigor no ano de 2003, a diferença fica por conta da forma em que o tema deve ser abordado. Aspectos positivos da história e cultura dos descendentes de africanos devem fazer parte da rotina curricular. (SOUZA & FERNANDES, 2018, p. 77)

E para que essa relação aconteça, de acordo com Souza e Fernandes (2008), é necessário que haja dentro da escola a valorização da cultura negra, valorizando o que se prega na legislação brasileira, evidenciando a história desse grupo que por longos anos foi invisibilizado e marginalizado na sociedade, mas que apresentam resistência e ajudaram a construir a identidade multicultural brasileira.

Para que essas ações sejam feitas dentro da escola, não só os professores precisam estar estimulados, mas toda a gestão e a comunidade escolar para o desenvolvimento de projetos de cultura afro-brasileira. A escola é um espaço político e de reflexão, e que possibilita a entrada da comunidade escolar a fim de acolher e melhorar questões sociais da informação.

Sendo assim, De Souza (2017) chama a atenção que essa temática ao longo dos anos vem ganhando espaço nas relações escolares:

Nesse contexto, a questão educacional ganha destaque nas proposições políticas voltadas à promoção da igualdade étnico-racial, com relevo àquelas que reconhecem a diversidade cultural como princípio. Os tratados internacionais de direitos humanos e em defesa da paz e da não violência têm dado ênfase a esse tema como um contraponto importante para combater a discriminação e as desigualdades socioeconômicas que provém do seu não reconhecimento, destacando o papel da educação nesse processo. (DE SOUZA, 2017, p. 62)

Com isso, a importância dos projetos escolares destaca-se pela construção de momentos capazes de refletir e conscientizar a todos os sujeitos que façam parte dele, de modo que, essa relação de proximidade entre uma temática e a realidade vivida das pessoas seja um instrumento de conhecimento capaz de vencer o preconceito e discriminação.

## 2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ATRAVÉS DA LITERATURA NEGRA E FEMININA

Identidades são construídas através de momentos de representatividade e de conhecimento. As literaturas negras, em espacial, escritas por mulheres possuem características marcantes e contos internos que promovem a compreensão sobre uma cultura que, a priori, ainda persiste sendo negativada em nosso país e se apresenta de forma não entendida através do preconceito e do racismo.

### 2.1 O Quarto de Despejo: diário de uma favelada

O Quarto de Despejo de Carolina de Jesus evoca uma narrativa vivida e substanciada em espaços representativos num momento histórico brasileiro, possibilitando compreender a literatura descrita como eixo gerador da trajetória da literatura negra, feminina e de resistência no processo da construção cultural e da identidade social.

O salto industrial de São Paulo, nos anos de 1950, deveu-se principalmente às políticas desenvolvimentistas implementadas no país com a ascensão de Juscelino Kubitschek na presidência da república. O mineiro Kubitschek assumiu o governo federal em 1956 e ficou até 1961. Foi o presidente que dizia, sob o slogan “50 anos em 5”, pôr de vez o Brasil na lista dos países industrializados do mundo, custasse o preço que fosse (ANDRADE, 2010, p. 112).

Mediante o processo de crescimento industrial e da cidade moderna, São Paulo passa a ser vista como uma grande metrópole de desenvolvimento social. Carolina de Jesus ao chegar a este novo espaço, depara-se com estruturas gigantescas, uma organização social e estrutural distante da realidade vivida em sua terra natal, o que lhe causa espanto “o que me deixou preocupada foi o prédio ter 82 andar. Ainda não li que São Paulo tem prédio tão elevado assim” (JESUS, 2005, p. 71).

Contudo, mediante a sua dificultosa vida, Carolina de Jesus continuava a catar seus materiais para que pudesse ajudar em seu sustento. Entretanto, observando toda aquela grandeza, Jesus (2005, p. 9) relata com alegria “eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela (a filha) calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão”, fazendo um paralelo entre a dificuldade existente e o novo.

Nessa época em que os grandes supermercados estavam sendo instalados no Brasil, Carolina de Jesus tinha era que perambular pelas ruas de São Paulo a fim de catar lixo para sobreviver. De madrugada, saía de casa, procurava nos lixos da “sala de visitas” uma forma de sobrevivência, observava atentamente aos movimentos e mudanças que aconteciam a seu redor e, ao voltar para seu barracão na favela do Canindé, realizava os afazeres

domésticos, cuidava dos três filhos e, ainda, relatava seu dia em papéis velhos encontrados também no lixo (ANDRADE, 2010, p. 113).

Carolina de Jesus se via numa condição entre a necessidade e a possibilidade de sobreviver resistindo:

Os restos que a sociedade consumidora paulista descartava era a “autonomia financeira” de Carolina de Jesus. Porém, obviamente, a catação e venda do lixo era insuficiente para se transformar numa fonte de renda satisfatória. Seu ofício de catar papel, ferro, latas para vender, não dava nem para ela se sustentar com os três filhos, por isso sempre recorria aos detritos (ANDRADE, 2010, p. 113).

Em uma vida dura e de muito sofrimento, Carolina de Jesus observada as relações entre a sobrevivência e ação humana na sociedade, percebendo como encontrava-se mediante a paradoxos e realidades tão distintas. Esse paradoxo pode ser observado em diferentes trechos como:

Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi várias pessoas as margens do rio. É que lá estava um senhor inconsciente pelo álcool e os homens indolentes da favela lhe vasculhavam os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos (...) É 5 horas. Agora o senhor Heitor ligou a luz! E eu, vou lavar as crianças para irem para o leito, porque eu preciso sair. Preciso de dinheiro para pagar a luz. Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui catar papel (JESUS, 1960, p. 14).

A anotação de Carolina de Jesus ressalta a condição de vida social ao qual ela encontrava-se, em meio a violência continua das favelas, a necessidade da dependência do seu desejo, a luta para alimentar e dar uma boa condição aos filhos e seu contraponto com a realidade vivida, em que o trabalho mostra-se como uma necessidade inerente de quem tinha ido catar papel antes e ao final do dia retorna para fazer mais.

(...) Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Ontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovos nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber (JESUS, 1960, p. 18).

Carolina de Jesus expõe em um trecho a realidade social de muitas áreas que são marginalizadas e que apresentam costumes rotineiros, considerados anormais. Nesse sentido, ela estabelece necessidades diárias aos quais o fortalecimento de um vício seria ruim para a manutenção da alimentação em seu despejo, já que as dificuldades da vida social se encarregaram de fazer com que a vida não fosse igual para todos.

Em meio a tantas necessidades, o desejo de ter e não poder fala mais alto. Em determinado trecho, ela expõe uma situação:

Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta.

Quando eles vê as frutas sou obrigada a comprar. (...) Mandeí o meu filho João José no Arnaldo comprar açúcar e pão. Depois fui lavar roupa. Enquanto quarava eu sentei na calçada para escrever (JESUS, 1960, p. 20).

Jesus (1960, p. 25) relata em meio às condições de necessidade que “(...) o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”. Quando Carolina de Jesus faz a analogia entre a palavra “fome” e “professora” ela caracteriza que a necessidade inerente financeira que leva os indivíduos a passarem fome é ensinada como uma reflexão, um processo empático, só assim, quem já viveu tal situação valoriza as condições da vida.

Diante de suas anotações, Carolina de Jesus traça um paralelo entre a relação do branco e do negro na sociedade, evidenciando o dia 13 de maio:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos (....). Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos tratam com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes (JESUS, 1960, p. 27).

E mesmo diante de tal contraponto, a necessidade de sobreviver, ainda era maior:

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair (JESUS, 1960, p. 27).

Mas, sua realidade de encarar a vida era outra.

Mas Carolina negava tudo isto enquanto buscava ser protagonista da própria história. Mesmo sabendo que era vítima de um estado de coisas alheio à sua própria vontade: a situação socioeconômica do país, por exemplo, que colocava os pobres e favelados na categoria de exclusão. Pois Carolina tinha a literatura como sua aliada e era através da escrita que procurava marcar sua identidade e seu olhar crítico sobre tudo que vivia. Carolina era pobre, era negra e era mulher. Mas, mesmo assim, contrariando todas as expectativas que se tem sobre tais pessoas em situação de exclusão, pensava. E, mesmo sendo uma catadora de lixo para poder sobreviver e alimentar seus filhos, não se confundia com o lixo que catava. E manteve sua identidade de poeta embora a sociedade brasileira tenha a tendência de olhar a si mesma com um olhar dicotômico: de um lado, os pobres, sujos e ameaçadores; de outro, os homens de bem, honestos e respeitáveis. Mas Carolina dizia: “se estou suja, é porque não tenho dinheiro para comprar sabão” (SILVEIRA, 2006, p. 66).

Segundo Silveira (2006), os pobres, enquanto fazendo parte dos excluídos na sociedade brasileira ainda são relegados a um status de animalização e coisificação. Ou seja, a percepção social ainda apresenta estereótipos sociais, morais, éticos e educacionais para quem vive das grandes favelas, o que ainda se vê como indivíduos que não tem comportamento ou condição de vida social.



## 2.2. Carolina de Jesus como protagonista de si

Para Rodrigues e Santos (2019) o protagonismo esclarecido e vivido por Carolina de Jesus em *O Quarto de despejo*, caracteriza a necessidade de percebermos socialmente como a mulher negra, favelada e forte se posiciona durante seu dia a dia. Sendo a principal personagem de sua própria narrativa, Carolina de Jesus cria condições para o imaginário interpretativo literário, mostrando sua relação com a desigualdade social.

Assim, Coronel (2014) ressalta que:

É possível, então, entender a literariedade como juízo de valor atribuído a um texto pelos sujeitos sociais investidos de autoridade para fazer essa definição, críticos acadêmicos, editores, jornalistas. Estes apresentaram *Quarto de despejo* como obra feita por uma favelada que escrevia, não por uma escritora. E favelada, segundo a visão corrente, só podia falar sobre favela, assunto que reconhecidamente conhece. Como se o bairro pobre de onde vinha empobrecesse - lhe a escrita, comprometendo sua ficcionalidade. Como se da mulher pobre não se pudesse esperar mais do que o testemunho real da pobreza. Como se seu chão fosse seu teto em termos de alcance literário (CORONEL, 2014, p. 276).

Nesse sentido o cenário e o protagonismo construído por Carolina de Jesus ao longo de sua narrativa preconizam a independência, a necessidade de se falar de lugares de fala como a da relação entre a mulher negra e pobre com o que está a sua volta. *O Quarto de despejo* traz consigo a caracterização de um ideário passado que ainda se assenta no ideário atual.

Rodrigues e Santos (2019) retornam a afirmar o protagonismo de Carolina de Jesus:

A existência de Carolina Maria de Jesus na cena literária brasileira evidencia a ordenação desse sistema, pois expõe a circunscrição de espaços tornados convencionais para alguém com suas características: o espaço doméstico, logo, privado; o secundário, então, prescindível; e o subalterno, portanto, inferior. Assim, a inscrição caroliniana no sistema literário realizaria um triplo enfrentamento: o de mulher e de negra, mas complementamos, igualmente, o de pobre (RODRIGUES & SANTOS, 2019, p. 107).

Deste modo, cabe ressaltar que a literatura construída por Carolina de Jesus, junta sua relação com a visão da dificuldade enfrentada com a necessidade de sobreviver diante das inquietudes e injustiças da sociedade que, até os dias atuais, insiste em classificar e denegrir as pessoas mediante a sua renda, fazendo juízo de valor pela cor da sua pele e para condição social ao qual se encontra.

Pinangé et. al (2020) fomenta que os diversos problemas vividos por Carolina de Jesus, em *O Quarto de desejo*, a fizeram protagonista de si, pois:

A fome, a falta d'água, as desavenças entre os vizinhos e o abandono por parte do poder público compõe algumas das cenas que nos são trazidas ao longo dos escritos. Histórias marcantes percorridas com criticidade por parte

da autora, que nos permite chegar à realidade da favela que habitava, detalhadamente contada pelos seus olhos, suas mãos e seu coração. Impossível não se angustiar em alguns momentos dolorosos compartilhados por Carolina, porém impossível também não vibrar a cada pequena conquista ou cada provocação levantada nos escritos (PINANGÉ et. al, 2020, p. 4).

Tal relação revela a necessidade da mulher negra e favelada que tanto é revelada pelos traços e necessidades diante do texto, de conduzir sua vida que, a priori é miserável, mas que para ela é vista como condição de possibilidades. Assim, Pinangé (2020, p. 11) relata que “a obra de Carolina Maria de Jesus de fato é algo que nos leva a pensar sobre tantas questões, que inclusive não conseguimos dar conta em uma única oficina”.

Com isso a construção de um protagonismo feminino e negro se dá dentro de o Quarto de desejo, quando o leitor percebe que:

Desse olhar enviesado por leituras múltiplas, o texto cria e revela várias faces para uma mesma Carolina: escritora, favelada, mãe, lavadeira, catadora de papel; mulher que demanda sexo e sexo com vários parceiros, mulher forte, sonhadora, debochada, todas essas Carolinas motivadas pela fantasia da própria autora – de si vê (e se inventar) a si mesma – e pela dimensão que o próprio narcisismo a leva a se perceber, a se efetivar e a se inscrever nas páginas do diário. Tudo isso, mais uma vez, processo subjetivo, implicado no desejo, na personalidade da autora e daquilo que a instaura como personagem protagonista de suas representações literárias: de si e do que ela acredita representar a si e por si mesma (LEÃO, 2020, p. 270).

Onde, mesmo diante dessa conjuntura, todo o cenário descrito por Carolina de Jesus em o Quarto de desejo relata a necessidade vigente de quem está na favela. O surgimento de diferentes personagens refletidos em sua narrativa demonstra diálogos de dor, necessidade, acalento e condição social diversa. Logo:

Outros personagens e cenas interagem com o mundo representado e as representações de Carolina Maria de Jesus: o próprio universo da favela; os seus habitantes, as pessoas com suas angústias e sonhos, com os seus mundos particulares, porém todos cercados pela fome e a miséria; os filhos da autora, cada qual com seus mundos íntimos e desejos particulares; as pessoas que são externas à favela, aquelas que, paradoxalmente, atestam a existência dos marginais, dos à margem da sociedade, nos guetos voluntários do Canindé (LEÃO, 2020, p. 270).

Sua condição como protagonista de si, ressalta que a sua condição como mulher negra e favelada na busca por conhecimentos distintos que vão além dos muros da favela. Conhecimentos esses que visam entender, alertar e demonstrar a realidade vivida nos grandes centros periféricos das cidades brasileiras, algo relatado e constatado na comunidade do Canindé, onde Carolina de Jesus viveu.

Contudo, Leão (2020) chama a atenção para a narrativa descrita por Carolina de Jesus em o Quarto de despejo, relacionando sua historicidade com uma necessidade social.

Logo, fica evidente que Carolina Maria de Jesus escreve não somente para ser lida, atestando a sua rotina na favela, como também para ser construída enquanto corpo que relata a si mesmo: se a autora se vê como favelada, essa visão do eu já carrega em si a história de um corpo, e o oposto do que é relatado, por ela, traça, por meio de um processo especular de se perceber a si mesma e o outro, o retrato daqueles que não são favelados, embora o relato construído no corpo do diário garanta somente a transparência parcial do eu, tanto do eu autoral quanto dos seus construídos ao longo do texto. Se o gesto de relatar a si mesmo cria um sujeito reflexivo diante do próprio eu, em Quarto de despejo: diário de uma favelada é a matéria relatada que leva o outro a interpelar e interpretar o eu criado por Carolina Maria de Jesus. Nesse sentido, a autoria do diário torna-se um ato performativo, que, paradoxalmente, revela a pulsão narcísica da autora de relatar a si mesma, de se representar através da escrita (LEÃO, 2020, p. 270-271).

Com isso, o protagonismo de Carolina de Jesus personifica-se diante de suas diferentes inquietudes e necessidades, que mostram que desde épocas anteriores a literatura já relata a condição da mulher negra e favelada na busca pela sua sobrevivência em uma sociedade altamente racista, com uma classe social desprivilegiada e que, até os dias atuais, mostra que o espaço de uma mulher negra encontra-se em constante luta para ser protagonista de si.

### 3. A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA DA LITERATURA

Segundo Leandro e Pacífico (2019) a literatura de mulheres negras ainda encontra-se marcada pela resistência de uma sociedade meramente racista, que insiste em deslegitimar a não crescer nenhum juízo de valor à obras de escritoras negras. Nesse sentido, o espaço escolar, enquanto espaço político, social e formador de cidadãos, apresenta-se como um local de reflexão e condições para a exploração de literaturas negras femininas.

Desta forma, inserir o diálogo e novas narrativas negras femininas na escola possibilitam trabalhar as questões éticas do respeito e da tolerância. Como afirma Freire (2018, p. 24) a tolerância deve ser entendida “(...) como virtude da convivência humana da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior”.

Sendo assim, tratar o protagonismo da mulher negra torna-se essencial para fundamentar narrativas que não são comuns dentro das condições sociais, ditas normais. Carolina de Jesus em vida trouxe sua contribuição através de diferentes narrativas como “O Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960) ao qual tratamos aqui, “Casa de Alvenaria” (1961), “Fome” e “Provérbios” (1963).

Mas, tratar de tais temáticas da literatura negra feminina dentro da escola, ainda é um tabu como afirma Valente e Pontes (2014):

A literatura afro-brasileira ainda é um sistema em busca de seu espaço no nosso polissistema literário. O fato de o negro aparecer como tema em obras literárias ou de podermos citar obras produzidas por negros há séculos não significa que a literatura afro-brasileira já seja uma discussão de longa data no Brasil. Nas obras de escritores canônicos, o negro geralmente aparece de forma estereotipada, tido como ingênuo, submisso, inferior ou ainda como objeto erótico, no caso da figura da mulata (VALENTE & PONTES, 2014, p. 107).

Os autores ressaltam que a implementação de literaturas negras torna-se ainda mais dificultosa devido ao processo de embranquecimento literário educacional:

Diferentemente de sistemas como a literatura afro-americana, por exemplo, sistema há décadas reconhecido, consolidado e bem delineado, o sistema de literatura afro-brasileira não apenas está em busca de seu reconhecimento e consolidação, mas ainda é alvo de muitos questionamentos e críticas, algumas que até acreditam ser irrelevante se estudar um sistema como esse. Isso porque esse tipo de literatura desconstrói a ideia de uma identidade nacional una e coesa, sem conflitos de gênero, classe, raça e/ou etnia (VALENTE & PONTES, 2014, p. 107).

Já Araújo (2007) esclarece o porquê dessa relação de aceitação das literaturas afro-brasileiras no currículo escolar.

(...) no caso da literatura brasileira, entendemos que os contornos teóricos da literatura afrodescendente passam, em primeiro lugar, pela desconstrução do conceito de uma identidade nacional una e coesa que, por sua vez, descansa sob o manto da harmonia e homogeneidade geralmente ligadas a noções de nacionalidade. Argumenta-se, então, a partir deste critério, que nossa literatura é uma só – brasileira – e, assim, não teríamos a necessidade de demarcar territórios específicos – sejam eles étnicos, de classe ou gênero, fragmentando o corpo de nossa tradição literária (ARAÚJO, 2007, p. 18).

Viabilizados por esta condição, as literaturas negras e femininas, ainda encontram-se em processo de interiorização dentro das práticas escolares e língua, visto que a necessidade da desconstrução da identidade se fortalece para aquilo que é desconhecido. Valente e Pontes (2014) tecem duras críticas sobre a demora e dificuldade social da inserção de literaturas negras no cotidiano.

Por outro lado, a literatura afrodescendente continua enfrentando muitos obstáculos como a dificuldade na tradução de suas obras para outras línguas, a aceitação de obras escritas por autores negros desconhecidos pelas editoras e a dificuldade no reconhecimento desses escritores como escritores de verdade. No Brasil, a maior parte da população não conhece os escritores afro-brasileiros e não tem ideia de que escritores canônicos e famosos, como Machado de Assis, são negros e não brancos (VALENTE & PONTES, 2014, p. 119).

Da mesma forma que:

Por vezes, quando ensinam literatura brasileira a adolescentes, os professores não informam seus alunos das implicações culturais da negritude em trabalhos escritos por autores como Machado de Assis. Além disso, escritores como Carolina Maria de Jesus, que obtiveram uma larga aceitação pelo mercado internacional e tiveram seus livros traduzidos para muitas línguas, parecem ter sido condenadas ao esquecimento no cenário brasileiro, visto que, mesmo para os acadêmicos, fora do sistema de literatura afro-brasileira, a maior parte desses escritores são desconhecidos ou considerados escritores de segunda classe (VALENTE & PONTES, 2014, p. 119).

Sendo assim, as necessidades de inserção de literaturas negras ainda são emergenciais no desenvolvimento e no processo literário atual escolar, visto que, a escola por ser um lugar voltado para a educação formal, possibilita que os alunos através de vivências, culturas e realidades sociais diversas encontrem-se em sua identidade social, cultural e étnica diante de diferentes narrativas negras e femininas como as de Carolina de Jesus.

## CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou compreender o protagonismo da mulher negra e favelada vivido por Carolina Maria de Jesus em “O Quarto de despejo: diário de uma favelada”, relacionando sua narrativa com a constatação do real e necessário vivido pela personagem ao longo de seus momentos de necessidade, de reflexão e condições não comuns do dia a dia.

A obra de Carolina de Jesus retratou a vivência sofrida de uma mulher que teve pouco de educação, mas que fazia de seus momentos livres uma condição para grafar nos mínimos detalhes sua vida e seu cotidiano, favorecendo a construção de uma literatura negra e feminina que demonstra resistência aos diferentes fatores existentes na sociedade que se contrastam com os atuais.

Constatou-se que as obras produzidas em vida por Carolina Maria de Jesus, tais como: “O Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960) ao qual tratamos aqui, “Casa de Alvenaria” (1961), “Fome” e “Provérbios” (1963), e póstumas como “O diário de Bitita” (1982), “Meu estanho diário” (1996), “Antologia pessoal” (1996) e “Onde estaes felicidade?” (2014) são literaturas essenciais para a condição da vida e o protagonismo da mulher negra e favelada.

Com isso, a obra analisada e estudada nesta pesquisa – O Quarto de despejo: diário de uma favelada – ressalta em uma narrativa as histórias e percepção de uma mulher que busca vencer as dificuldades do seu dia, sendo mãe solteira, vivendo do pouco que a vida dá, mas com honestidade e compromisso com a sua visão como mulher negra dentro de uma grande cidade que colocava barreiras entre ricos e pobres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Leticia Pereira. História e ficção no cerne de Quarto de Despejo. *Revista Rascunhos Culturais*, v. 2, n. 4, p. 107-123, 2011.

\_\_\_\_\_. **O diário como utopia**: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Programa de Pós-graduação em Letras (Dissertação de Mestrado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/1145>>. Acesso: 20/09/2020.

ARAÚJO, F. S. **Uma escrita em dupla face**: a mulher negra em PonciáVicêncio, de Conceição Evaristo. 115p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2007.

BATISTA, Irinéa de Lourdes. Interdisciplinaridade escolar no ensino médio por meio de trabalhos com projetos pedagógicos. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, nº 2, v. 13, p. 209-239, 2008.

BERNARD, François. Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. In.: BRANT, Leonardo. **Diversidade Cultural**. São Paulo: Escrituras, 2005.

CANDAU, Vera Maria. **Somos tod@as iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em o Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 271-288, 2014.

DE SOUZA, Marinês Viana. A educação das relações étnico-raciais e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos planos de educação: os contextos nacional e local em perspectiva. **Revista Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, [S.l.], v. 1, n. 1, jul. 2017. ISSN 2527-0141. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/amazonida/article/view/3544>>. Acesso em: 20/09/2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8ª. ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.

\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Edição Popular. São Paulo, 1960.

LEANDRO, Michel; PACÍFICO, Soraya. A legitimação e a interdição da política literária em Carolina Maria de Jesus: pode uma mulher negra ser autor? *Revista Iuminart*, v. 11, n. 17, p. 38-48, 2019.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Escrita do eu e inscrição narcísica em o Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. *Revista Trilhas Filosóficas*, v. 13, n. 1, p. 259-273, 2020.

RIBEIRO, Lilian dos Santos. **Carolina de Jesus: de la favela al mundo**. Universidad de Sevilla. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/55535/Pages%20from%20libro%20locas-6.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20/09/2020.

RODRIGUES, Silmara; SANTOS, Luciana Alves. Diários na EJA: leitura literária de o Quarto de desejo, de Carolina Maria de Jesus. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Universidade de Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 103-126, 2019.

PINANGÉ, Daniella Sotero de Barros et. al. Quarto de despejo: relato de uma vivência dialogada. **Revista Pesquisa e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 2, p. 1-12, 2020.

SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner. Quarto de Despejo – Manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Revista Travessias**, n. 12, v. 1, p. 312-323, 2015.

SILVESTRE, Nathércia. Carolina de Jesus: a beleza de ser diferente. **Revista Baleia na Rede**, v. 1, n. 3, p. 65-68, 2006.

SOUZA, Ivanete Silva de; FERNANDES, Jorge. Entre o legal e o real: visão dos professores sobre o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas. **Revista em Favor da Igualdade Racial**, nº 1, v. 1, fev/jul, 2018.

VALENTE, Marcela Iochem; PONTES, Renata Thiago. Escrita e poder em Carolina Maria de Jesus: a tradução de textos afro-brasileiros. **Revista Escrita**, Ano 2014, n. 19, p. 104-123, 2014.